

Cadernos de Tradução

Instituto de Letras

Nº 7 – Julho-Setembro de 1999

SUMÁRIO

Yasunari Kawabata e os contos que cabem na palma da mão.....	5
Meiko Shimon	
Ao calor do sol.....	11
Yasunari Kawabata	
<i>Tradução: Giselda Ribeiro da Silva</i>	
Fotografia.....	13
Yasunari Kawabata	
<i>Tradução: Gilberto Brandão dos Santos</i>	
Obrigado.....	15
Yasunari Kawabata	
<i>Tradução: Silvana Regina Lopes Mertins</i>	
Cortar as unhas pela manhã.....	18
Yasunari Kawabata	
<i>Tradução: Gilberto Brandão dos Santos</i>	
O guarda-chuva.....	20
Yasunari Kawabata	
<i>Tradução: Meiko Shimon</i>	
A partir das sombrancelhas.....	22
Yasunari Kawabata	
<i>Tradução: Giselda Ribeiro da Silva e Vera Maria Martins Alves</i>	
Recolhendo os ossos.....	23
Yasunari Kawabata	
<i>Tradução: Iaioi Tao e Meiko Shimon</i>	
Os vizinhos.....	28
Yasunari Kawabata	
<i>Tradução: Meiko Shimon</i>	
Imortalidade.....	32
Yasunari Kawabata	
<i>Tradução: Meiko Shimon</i>	
Cabelos Longos.....	35
Yasunari Kawabata	
<i>Tradução: Meiko Shimon e Tomoko Kimura Gaudioso</i>	
BIBLIOGRAFIA.....	41



Cadernos de Tradução

do Instituto de Letras

Diretora: Prof^a. Maria Cristina Leandro Ferreira

Vice-Diretora: Prof^a. Sara Viola Rodrigues

COMISSÃO EDITORIAL

Prof^a. Sônia Terezinha Gehring

Prof^a. Patrícia Chittoni Ramos

Prof^a. Érica Sofia Schultz

Organizadora deste número: Prof^a. Meiko Shimon

Revisão deste número: Edson Alcir Cardoso da Rosa

Meiko Shimon

Volnei Krummenauer

Capa e Editoração: Leandro Bierhals Bezerra - Núcleo de Editoração Eletrônica do Instituto de Letras

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Instituto de Letras

Av. Bento Gonçalves, 9500 CEP 91540-000 Porto Alegre-RS

Fone: (051) 3166689 Fax: (051) 319-1719

<http://www.ufrgs.br/iletras>

E-mail: iletras@vortex.ufrgs.br

Cadernos de Tradução nº 7
OS FRAGMENTOS DO UNIVERSO DE YASUNARI KAWABATA

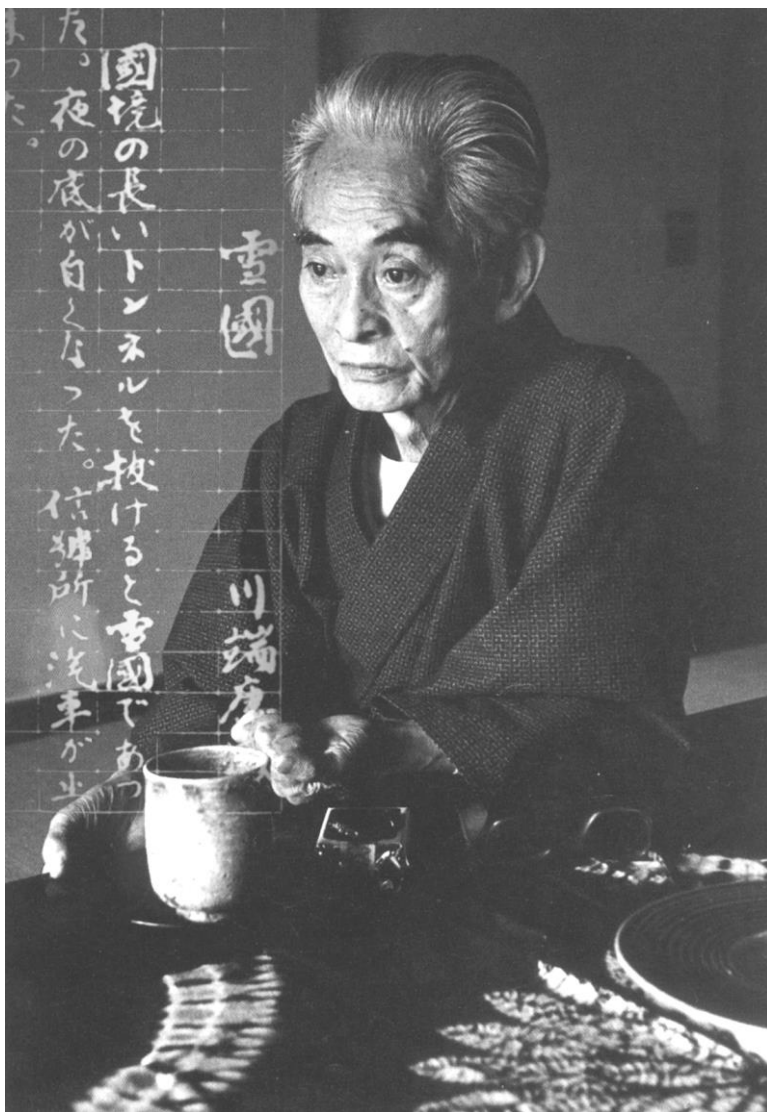


Foto de Kazuo Kakinuma, do livro *Kawabata Yasunari*, Tokio, Shogakkan, 1991.

Yasunari Kawabata (1899-1972)

Yasunari Kawabata e os contos que cabem na palma da mão

Estando à procura de obras de autores japoneses modernos ou contemporâneos para utilizar como texto no curso de Literatura Japonesa, deparei-me, casualmente, com os *Tanagokoro no shôsetsu* (Contos que cabem na palma da mão). Encontrei-os em um dos volumes das "Obras Seletas de Yasunari Kawabata". A leitura dos contos me impressionou intensamente, sobretudo, pela sua notável diferença com os demais romances já reconhecidos do escritor, como *Yukiguni*¹ e *Senbazuru*².

Mais tarde, adquiri um livro que reunia cento e vinte e dois desses *Tanagokoro no shôsetsu*. A leitura de um grande número de contos, ao meu ver, é fascinante no começo e torna-se cansativa à medida em que se prossegue. Mas isto não aconteceu com esses contos de Kawabata, devido, talvez, à riqueza dos motivos e à maestria da arte narrativa, sobretudo, pela visão de vida do autor que permeia esses episódios transformados em obras de literatura. Na verdade, li esses cento e vinte dois contos num fôlego só. É certo que passei rapidamente por cima de alguns, estranhei outros, uns e outros apenas achei interessantes. Contudo, um certo número de contos deixou-me profundas impressões a ponto de relê-los de tempos em tempos. Esses, e mesmo outros, cada vez que os relia, proporcionavam-me renovadas sensações, conduzindo-me a novas reflexões.

Yasunari Kawabata é conhecido e aceito no Japão e no Ocidente como um escritor que buscou o Belo, tanto na tematização de suas obras como no seu estilo narrativo e, sobretudo, ressaltou a beleza das tradições japonesas — que se achavam em iminente extinção devido ao inevitável processo de ocidentalização, dito modernização do país. Seu discurso comemorativo, na ocasião de agraciamento do Prêmio Nobel de Literatura, em 1968, intitulado *Utsukushii Nihon no Watakushi* (Belo Japão e eu) foi uma clara manifestação do pensamento que norteava o seu espírito criativo. No ano seguinte, em Honolulu, proferiu uma palestra intitulada *Bi no sonzai to hakken* (A presença e o descobrimento da beleza), na qual expôs vários momentos de sua vida em que experimentara profunda emoção perante à revelação da beleza dos fatos simples do seu cotidiano.

¹*Yukiguni*, de 1947, traduzido com o título de *País das neves*. Rio de Janeiro, Ed. Rocco: 1957.

²*Senbazuru*, de 1949, traduzido com o título de *Nuvens de pássaros brancos*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira: 1956.

A reflexão acerca das palavras de Bashô³ é uma mostra clara da sua visão estética.

Em Honolulu, Kawabata iniciou a palestra com uma descrição minuciosa da beleza que o fascinara naquela manhã, no terraço do hotel.

Eram copos de vidro enfileirados que refletiam à luz do sol matinal.⁴ Um cenário banal que passaria despercebido pela maioria das pessoas, porém, para o espírito sensível do escritor foi um precioso momento de encontro com o Belo. De maneira semelhante, o meu encontro com o *Tanagokoro no shôsetsu* foi uma ocasião dessa natureza.

Kawabata tornou-se conhecido no mundo ocidental a partir da tradução de *Yukiguni* para o inglês, feita por Edward G. Seidensticker em 1956, e, desde então, suas principais obras têm sido traduzidas para diversos idiomas. No entanto, em língua portuguesa temos poucas obras, além dos dois romances acima citados, traduções feitas a partir de uma segunda língua, com inevitável prejuízo nos seus valores artísticos e semântico-culturais. Talvez, por este motivo, a literatura de Kawabata não tenha tido a merecida atenção dos leitores brasileiros.

Nascido em Osaka em 1899, Yasunari Kawabata ficou órfão antes de completar três anos de idade, e nos anos que se sucederam faleceram sua única irmã, aos quatorze anos, e os avós que o criaram. Aos quinze anos, estava completamente só no mundo. Os biógrafos vêem nessa tragédia as marcas profundas que teriam dado origem à visão do escritor quanto à fragilidade da existência humana. O próprio Kawabata referia-se em diversas ocasiões que sofria de complexo de inferioridade e tinha forte inclinação à solidão. Estudou Literatura Inglesa no Curso Preparatório e Literatura Japonesa na Universidade de Tóquio e, ainda estudante, começou a escrever contos e ensaios críticos.

Com dezenove anos, viajou pela região de Izu, uma península a oeste de Tóquio. Durante a viagem, conheceu um grupo de artistas itinerantes, cuja convivência lhe deixou profundas impressões. Essa experiência de amizade com os artistas, especialmente, com a pequena dançarina de treze anos, proporcionou-lhe a reconciliação de sua alma com a humanidade. Nove anos depois, ele escreveu *Izu no odoriko* (A dançarina de Izu), ganhando a consagração que lhe garantiu um lugar definitivo no mundo literário japonês.

³"A poesia se encontra naquele momento e naquele lugar, naturalmente" e, "O importante é reconhecer o lugar e o momento propício", isto é, não surte uma mesma emoção, se o fato acontecer em outro momento ou em outro lugar, e então não haverá poesia. Cf. Kawabata, *Bi no sonzai to hakken*. In: Kawabata Yasunari Zenshû, v.2. Tóquio, Shinchôsha: 1975, p.217-9.

⁴Ibidem, p.201-4.

Suas obras sempre foram alvo de elogios no meio crítico japonês por apresentarem um rico lirismo mesclado de observações objetivas do seu íntimo solitário e, principalmente, da psicologia feminina. Contudo, na juventude, participou ativamente dos movimentos modernistas japoneses, em especial, da corrente *Shinkankakuha* (Neo-sensorialismo), tornando-se um de seus líderes.

Costuma-se dividir o estilo literário de Kawabata em pelo menos três, de acordo com os períodos criativos. O primeiro vai desde o início até os trinta e quatro anos, abrangendo o período modernista. A corrente neo-sensorialista caracterizava-se pela sua oposição frente ao realismo-naturalista então predominante no Japão. Seus defensores almejavam criar novos universos literários, valendo-se das imagens advindas de uma acuidade sensorial, que seriam estruturadas intelectualmente.

Neste período, Kawabata foi extremamente fértil. Uma das criações mais importantes foi o conjunto de contos brevíssimos que mais tarde se tornaram conhecidos como *tanagokoro no shôsetsu* (contos que cabem na palma da mão). Kawabata amava este gênero. "Muitos escritores quando jovens compõem poemas. Eu escrevi os *tanagokoro no shôsetsu*", declarava em várias ocasiões (Matsuzaka, 1983, p.5). Ao longo de sua vida escreveu nada menos do que cento e quarenta e oito deles, sendo que oitenta e um foram escritos entre 1924 e 1930. Como era novidade na época, muitos escritores tentaram também este gênero, porém os de Kawabata foram praticamente os únicos que sobreviveram ao tempo. Por ser curta, a narrativa exigia do autor uma sensibilidade extrema desde sua estruturação até a utilização de cada palavra, a fim de obter um resultado de conteúdo denso e convincente. (É necessário esclarecer que essas narrativas curtas são referidas neste trabalho como 'contos', por falta de um termo mais adequado, embora possuam algumas características diferentes dos preceitos de 'contos' teorizados na Literatura Ocidental). Hoje, esses contos são considerados como uma vertente que deu origem à literatura de Yasunari Kawabata, pois tanto os temas e a abordagem como o estilo e a linguagem apresentam os traços que viriam a ser características deste escritor na sua fase de maturidade.

O período de 1934 até o fim da II Grande Guerra é chamado de "período de *Yukiguni*" devido à obra que marca o seu ponto culminante. Em comparação ao arrebatamento da intelectualidade e às diversas técnicas expressivas experimentadas do período anterior, Kawabata publicou poucas obras além do *Yukiguni*. Com o amadurecimento do seu estilo literário, passou a adotar uma linha que focaliza a psicologia humana, que oscila no mundo das paixões e de suas fantasias emocionais, preferindo uma análise mais profunda da alma humana através de seus personagens. A sensibilidade lírica cultivada pela leitura das obras clássicas japonesas e seu amor à viagem e à natureza mesclada com

esmerada técnica expressiva do Neo-sensorialismo resultara na riqueza narrativa de rara beleza.

Assistindo ao reerguimento do país após a semi-destruição provocada pelas guerras, Kawabata viu na onda da franca ocidentalização um distanciamento inevitável com o que havia de melhor da cultura tradicional do país. A partir do final da Segunda Guerra, o escritor dedicou-se a explorar com voracidade a realidade imagética do ser humano, alicerçada nas essências da beleza tradicional japonesa, aprimorando-se na expressividade sutil e refinada, dito estilo da elegância clássica, entrecortadas, por vezes, em inesperadas imagens de crueza com tendência ao surreal. O escritor encontrava a identificação na alma dos antepassados japoneses, no modo de viver em harmonia com a natureza reconhecendo forças superiores que estabelecem uma ordem no curso natural dos acontecimentos. Era o vislumbrar da beleza revelada em fragilidade e fugacidade da impermanência.

No terceiro período, que inicia com o final da II Guerra, Kawabata foi bastante fértil. Enquanto produzia as obras consideradas mais importantes de sua carreira, como *Yama no oto* (1954), *Nemureru bijo* (1961)⁵ e outras, além do já citado romance *Nuvens de pássaros brancos*, dedicou-se à divulgação da Literatura Japonesa no âmbito internacional.

Embora tenha escrito romances relativamente extensos, foi um escritor essencialmente de narrativas curtas, e entre essas sobressaem-se os contos que cabem na palma da mão, que produziu ao longo de sua vida, salvo alguns anos de interrupção. No espaço limitado de poucas páginas, o autor desenvolve narrativas que transcendem as emoções da alma humana em seus momentos de alegria e tristeza inerentes à própria existência do ser no seio de uma sociedade.

Os dez contos traduzidos e apresentados neste Cadernos de Tradução constituem uma pequena amostra do rico e complexo universo do gênero em questão. Procuramos trazer uma maior diversidade quanto à temática, motivo, abordagem, ambientação, personagens, etc. Nas obras de sua juventude, como *Ao calor do sol* (1923), *Fotografia* (1924) e *Obrigado* (1925), predominam características de Neo-sensorialismo que expressam sentimentos e idéias através de sensações percebidas, sem buscar respaldo na racionalidade, enquanto que *Os vizinhos* (1962), *Imortalidade* (1963) e *Cabelos longos* (1970), pertencentes ao último período criativo, apresentam um estilo em conformidade com a sensibilidade estética da tradição cultural do povo japonês.

Um outro aspecto importante nas obras de Kawabata é a presença de fatores autobiográficos, embora não se caracterize como um escritor

⁵*Yama no oto* (Os sons da montanha), romance, inédito no Brasil. *Nemureru bijo* (A casa das belas adormecidas). Lisboa, Assírio & Alvim: 1986.

intimista ou confessional. A experiência de seu frustrado noivado — aos vinte e um anos com uma mocinha de quatorze — reflete em diversas obras (*Ao calor do sol, Fotografia*), bem como sua convivência com o avô cego (*Ao calor do sol, Recolhendo os ossos*). Há controvérsia quanto ao ano da produção de *Recolhendo os ossos*, que fala de sua experiência ao assistir a cremação do corpo de seu avô. O escritor afirma tê-lo escrito em 1915, embora só veio a ser publicado em 1949. Alguns pesquisadores consideram-no o primeiro dos cento e quarenta e oito contos que cabem na palma da mão, porém a obra é de uma narrativa indiscutivelmente madura e que não poderia ser atribuída a um adolescente de dezessete anos. Portanto, neste trabalho adotamos 1949 o ano de sua publicação.

Desde a primeira visita (1918) à Península de Izu — da qual nasceu a obra-prima *A dançarina de Izu* — tornou-se um hábito seu permanecer nas estações termiais daquela região, por vários meses, nos dez anos seguintes. Baseando-se nas suas observações quanto à natureza e ao modo de vida das pessoas do local, nasceram vários contos, inclusive *Obrigado*, um episódio que por pouco não teria sido grotesco, transformado num folclore. O olhar sensível do escritor percebe pequenas felicidades no cotidiano das pessoas simples e humildes. Embora tenha adquirido a fama de ser autor que persegue a expressão da beleza tradicional japonesa, Kawabata declarava muitas vezes que sentia maior empatia com operárias e prostitutas do que com senhoritas elegantes, e preferia as ruelas sujas do que as avenidas da moda: encantava-se com "a beleza da sujidade". Essa sua inclinação é constatada em *Obrigado* e *Cortar as unhas pela manhã*. A mocinha destinada a se tornar prostituta encontra seu momento de felicidade no homem, modelo de retidão e cortesia; a outra, já afundada na miséria e pobreza, não perde a inocência dos sonhos de criança, e sua pureza é restituída, graças a um velho senhor. A questão da pureza inocente dessas moças seria retomada quase quarenta e cinco anos depois, em *Cabelos longos*.

O guarda-chuva é uma poesia feito prosa que conta o amor adolescente. Inúmeras repetições de "menino", "menina", "ele", "ela" conferem um ritmo à narrativa. A língua japonesa admite repetição de vocábulos e isto, muitas vezes, dificulta a tradução para o português. No caso de Kawabata, a repetição que não se restringe apenas aos vocábulos, mas até às frases inteiras (*Obrigado*, *Cortar as unhas pela manhã*, *O guarda-chuva*), chega a ser uma característica do seu estilo. Numa narrativa breve como esses contos em que a economia de palavras seria imprescindível, o emprego de tantas repetições causaria estranheza, no entanto, uma leitura mais acurada revela que, na realidade, não há uma única palavra em excesso. *A partir das sobranceiras* é como uma continuação de *O guarda-chuva*: os protagonistas do tímido amor adolescente cresceram e já vivem um amor adulto e ousado.

A aparente simplicidade de *Os Vizinhos*, que parece ser apenas um retrato do cotidiano de pessoas comuns, oculta uma narrativa densa, num ambiente de exuberante beleza outonal. Os contrastes entre os casais jovem e idoso conduzem à reflexão acerca das questões familiares e sociais, à convivência do ser humano, sua relação de conflito ou harmonia com a natureza.

O tema universal dos amantes separados pela imposição social ou familiar de *Imortalidade* ganha um sabor único no mundo fantástico que transcende as fronteiras do real e do imaginário. É o cântico do amor que triunfa ao alcançar a paz da união perpétua entre o ser humano e a natureza.

O problema da solidão da velhice é confrontado em *Cabelos longos*. O escritor que desde criança convivera com a morte dos familiares, ao longo das últimas décadas havia perdido muitos de seus melhores amigos. A realidade da velhice torna-se mais evidente no contato com as jovens modernas de cabelos longos e de saias curtas. Por ser um conto mais extenso — um dos mais extensos do gênero — *Cabelos longos* revela uma outra peculiaridade da narrativa deste escritor, a tendência de seguir o fluxo de consciência. Assim, a descrição do cotidiano solitário do protagonista se desenvolve em direção às revelações inesperadas.

Depois deste, ele escreveu mais dois contos que cabem na palma da mão, sendo o último uma síntese do primeiro capítulo de *Yukiguni* (*País das neves*) e foi publicado postumamente. É uma prova da sua incansável busca da perfeição como também do amor a esta forma de narrativa curta. Em 16 de abril de 1972, Yasunari Kawabata morre, supostamente pelas suas próprias mãos.

Por fim, é muito gratificante e significativa esta oportunidade de lançar um número de Cadernos de Letras dedicado especialmente ao maior escritor contemporâneo japonês, Yasunari Kawabata, no ano do centenário de seu nascimento, com as traduções da equipe de Núcleo de Estudos Japoneses. Devemos apresentar, ainda, o nosso agradecimento à família do escritor que nos concedeu a permissão para a publicação destas obras.

Meiko Shimon⁶

Organizadora

Coordenadora da equipe de tradução

⁶Professora Assistente do Setor de Japonês - Instituto de Letras - UFRGS. Mestre em Língua, Literatura e Cultura Japonesa pela USP.

Ao calor do sol

Tradução de Gizelda Ribeiro da Silva¹

Revisão de Meiko Shimon

Foi no outono, quando eu tinha vinte e três anos, que encontrei uma garota em uma hospedaria à beira-mar. Foi o começo do amor.

A garota subitamente levantou a manga do quimono, ainda de pescoço ereto, encobrimdo, assim, o rosto.

Ao ver isso, me dei por conta, mais uma vez, desta minha péssima mania. Fiquei embaraçado e não pude esconder minha aflição.

— Estou olhando demais para o seu rosto, não é?

— Sim... — Mas, nem tanto assim.

Tinha uma voz meiga, e achando graça do que disse, senti-me um pouco aliviado.

— Não posso?

— Poder até que pode, mas... — Bem, está tudo bem.

A garota abaixou a manga do quimono com uma expressão que denotava um leve esforço no intuito de suportar o meu olhar. Então, desviei os olhos para o mar.

O fato é que tenho a mania de ficar olhando fixamente o rosto da pessoa que está na minha frente, a ponto de lhe causar constrangimento. Tenho pensado em corrigir essa mania, mas não olhar o rosto da pessoa que está perto de mim é algo que me deixa muito angustiado. Então, todas as vezes que me dou por conta dessa mania, sinto uma violenta repugnância de mim. Desconfio de que me tornei assim, porque, quando criança, ainda na época em que perdi meus pais e minha casa, e estive sob tutela de família alheia, teria tentado ler na fisionomia das pessoas o que elas estariam pensando.

Certa vez, refleti seriamente se essa mania havia começado depois que fui entregue em casa alheia, ou então bem antes, ainda na minha própria casa, porém não me ocorria lembrança alguma que pudesse aclarar esta questão.

— Contudo, nesse momento, a praia arenosa do mar, para onde desviei o olhar, a fim de não fixar a garota, estava ensolarada, tingida pela

¹Bacharel em Japonês-Português/Espanhol-Português pela UFRGS e Professora Substituta do Setor de Japonês do Instituto de Letras - UFRGS

luz do sol de outono. Esse lugar ensolarado evocou-me, subitamente, longínquas e esquecidas memórias.

Depois que meus pais morreram, morei com meu avô, cerca de dez anos. Vivíamos, apenas nós dois, em uma casa no interior. Meu avô era cego. Por anos a fio, ele ficava sentado, virado para o leste no mesmo lugar da mesma sala, na frente de um braseiro. Às vezes, balançava a cabeça e virava para o sul. Porém, nunca virou o rosto para o norte. Quando percebi essa mania sua, fiquei bastante impressionado pelo fato de girar a cabeça só para um lado. Muitas vezes me sentava na frente do meu avô por longo tempo e ficava olhando fixamente o seu rosto, para ver se pelo menos uma única vez viraria para o norte. Entretanto, como um boneco elétrico que virava a cabeça a cada cinco minutos para a direita, o meu avô só virava para o sul, e isso me deixava triste, e ao mesmo tempo me dava arrepios. O sul é onde há o calor do sol. Imaginei que, apesar de cego, ele podia sentir uma tênue claridade no lado do sul.

— Estava me lembrando, nesse momento, do calor do sol que eu havia esquecido.

Encarava o rosto de meu avô, sempre desejando que virasse para o norte. E, já que era cego, era natural que eu olhasse demoradamente para aquele rosto e por repetidas vezes. Compreendi, com estas memórias, que era por isso que tinha essa mania de ficar olhando o rosto das pessoas. Essa mania vinha desde os tempos em que vivia em minha própria casa, logo, não era resquício de um coração ignóbil. Por isso, posso tranqüilamente ter compaixão de mim por ter adquirido tal mania. Pensando assim, fiquei tão contente que tive vontade de dançar. Minha felicidade era ainda maior, pois, por causa da garota, encontrava-me no momento em que meu coração estava transbordando de tanta vontade de ter a alma purificada.

Ela disse ainda:

— Já estou me acostumando, embora me sinta um pouco encabulada.

Havia em sua voz um certo tom de consentimento para que eu continuasse olhando-a. Pareceu-me que ela pensara que o seu gesto me ofendera.

Com o rosto radiante, eu a olhei. Ela ficou um pouco ruborizada e lançou-me um olhar malicioso.

— Não estou preocupada, porque o meu rosto daqui algum tempo não será mais novidade, pois você vai poder olhá-lo dia e noite, não é mesmo? Falou como se fosse uma criança.

Dei uma risada. Senti, repentinamente, que entre nós a intimidade crescia. Desejei sair ao calor do sol, na praia arenosa, em companhia da garota e das lembranças do meu avô. **(Hinata, 1923)**

Fotografia

Tradução de Gilberto Brandão dos Santos¹

Revisão de Meiko Shimon

Seria uma indelicadeza chamá-lo de “feio”. Mas, com certeza, foi devido a esta feiúra que ele se tornou poeta. E este poeta me contou o seguinte:

Eu detesto fotografia e, por isso, raramente penso em tirar fotos. A última vez foi quando, há quatro ou cinco anos, tirei umas fotos com minha namorada na ocasião do nosso noivado. Porque tratava-se de alguém por quem tinha muita estima. E também porque não acreditava que pudesse aparecer outra mulher como ela, em toda a minha vida. Ainda hoje estas fotos são uma bonita lembrança que guardo.

No ano passado, entretanto, uma revista me comunicou que desejava publicar uma foto minha. Recortei da foto que tirei com a namorada e sua irmã mais velha a parte em que eu aparecia e enviei à revista. Recentemente, foi a vez de um jornal me pedir uma foto. Eu pensei um pouco, sabe? E, por fim, cortei ao meio uma foto tirada com ela e entreguei ao jornalista. Frisei que a foto me fosse devolvida sem falta, mas parece que não vão me devolver. Bem, isso não tem importância.

Apesar de não ter importância, no entanto, foi uma surpresa para mim quando vi a outra metade da foto em que aparece somente a minha namorada. Então, é esta aquela garota? — Deixe-me dizer para você, que a namorada dessa foto era realmente doce, e era muito bonita. Pois, nessa época, ela tinha dezesseis anos. E estava apaixonada. Pois bem, quando a vi separada de mim na foto que me restou, senti-me desapontado: então, era uma garota tão sem graça assim? Veja só, era uma foto que até então ela me parecia tão bonita. — Acabei, num instante, despertando de um sonho de longos anos. Meu precioso tesouro acabara por destruir-se.

E nesse caso, — o poeta abaixou ainda mais o tom da voz. Ao ver a minha foto que apareceu no jornal, com certeza, ela também pensaria assim. Sentiria pena de si por ter amado, mesmo que tenha sido por pouco tempo, um homem como eu. — E assim, tudo acabou.

¹Bacharel em Japonês-Português e Inglês-Português pelo Instituto de Letras - UFRGS. Professor de japonês do Curso de Extensão - UFRGS.

Mas se, penso eu, fosse publicada no jornal a foto em que estamos nós dois juntos, ela não viria voando de algum lugar ao meu encontro? suspirando e dizendo: “Oh! ele que tanto me...”. (**Shashin, 1924**)

Obrigado

Tradução de Silvana Regina Lopes Mertins¹
Revisão de Meiko Shimon

Este é um ano de farta colheita de aqui e de um belo outono nas montanhas.

O pequeno porto ficava na extremidade sul da península. Um motorista de uniforme amarelo com a gola roxa vinha descendo do andar de cima da sala de espera dos passageiros, onde havia uma pequena venda de confeitos ordinários. Defronte, um ônibus vermelho o aguardava com sua bandeirinha roxa erguida.

Uma mulher levantou-se, apertando o saquinho de confeitos, e falou ao motorista, que amarrava caprichosamente o cordão dos sapatos.

— Ah! Hoje é a sua vez. Que bom. Deve ser um bom sinal para esta menina ser levada pelo “seu Obrigado”. Talvez ela tenha muita boa sorte.

O motorista olhou a moça que estava ao lado, mas nada falou.

— Ficar adiando sempre não vai resolver, né? E daqui a pouco é o inverno. Eu tenho pena de mandá-la para longe com o tempo frio. Já que tenho que fazer isso, é melhor agora, que o tempo está bom. Assim, eu decidi levá-la.

Acenando com a cabeça, calado, o motorista se encaminha como um soldado e endireita a almofada do seu assento.

— Vovó, sente-se no primeiro banco. Quanto mais na frente, menos balança. Pois o caminho é longo.

A mãe está indo para a cidade onde passa o trem, a quinze *ri*² para o norte, a fim de vender sua filha.

Balançando-se na estrada montanhosa, a moça está com a luz do seu olhar aprisionada pelo ombro reto do motorista. O uniforme amarelo vai se ampliando como o universo nos seus olhos. Através dos ombros, as montanhas se dividem e vão escoando para trás. O carro tem que transpor os dois pontos altos do caminho da montanha.

Alcança a diligência. Esta, encosta na beira da estrada.

— Obrigado.

¹Acadêmica em Japonês-Português do Instituto de Letras - UFRGS.

²1 *ri* equivale cerca de 4 km.

Com uma voz clara e límpida, o motorista, numa intrépida continência, abaixa a cabeça como um pica-pau.

Encontra-se com a carreta carregada de madeira. A carreta se encosta à beira da estrada.

— Obrigado.

Carroça grande, puxada por um homem.

— Obrigado.

Riquixá.

— Obrigado.

Cavalo.

— Obrigado.

Mesmo que ultrapasse trinta carros em dez minutos, ele não perde suas boas maneiras. Ele não perde essa postura mesmo que percorra os cem *ri* a toda velocidade. É como um tronco reto de cedro, simples e espontâneo.

O carro, que saíra do porto depois das três da tarde, acende a luz no meio do caminho. Cada vez que se encontra com um cavalo, o motorista sempre desliga a lanterna do carro para o animal. E assim,

— Obrigado.

— Obrigado.

— Obrigado.

Ele é o motorista com melhor reputação entre as diligências, as carroças e os cavalos, nos quinze *ri* da estrada.

Descendo na penumbra do terminal da praça, a filha sente o corpo balançar e as pernas fluírem e, cambaleante, ela se apóia na mãe.

— Espere aqui. Fala a mãe, que corre atrás do motorista.

— Olhe, minha filha está dizendo que gosta de você. Eu lhe peço. Eu imploro. De amanhã em diante, de qualquer modo, ela vai virar brinquedo de homens estranhos. É verdade, não é? Até mesmo uma senhorita da cidade, se viajasse dez *ri* no seu ônibus...

Ao amanhecer do dia seguinte, o motorista sai da pensão onde pernitoou e vai atravessando a praça com a postura de um soldado. Atrás dele, mãe e filha correm em passos miúdos. O ônibus vermelho que saiu da garagem o aguarda com sua bandeirinha roxa erguida e espera o primeiro trem.

A filha sobe primeiro e, umedecendo os lábios secos, acaricia o couro preto do banco do motorista. Sentindo o frio matinal, a mãe junta as mangas do seu quimono.

— Ai, ai. Vai levar a minha filha de volta? Agora de manhã, ela me chora e você me repreende. Minha compaixão foi o erro. Levá-la de volta eu levo, mas entenda que é só até a primavera, ouviu? Eu vou

consentir porque tenho pena de mandá-la para longe numa época fria, mas quando o tempo esquentar eu não posso mais ficar com ela em casa.

O primeiro trem larga três passageiros para o ônibus. O motorista endireita a almofada do seu assento. A moça está com a luz do seu olhar aprisionada no ombro terno do motorista. Através dos ombros, o vento matinal de outono vai se escoando para trás.

Alcança a diligência. Esta, encosta na beira da estrada.

— Obrigado.

Carroça puxada por um homem.

— Obrigado.

Cavalo.

— Obrigado.

— Obrigado.

— Obrigado.

Ele torna as montanhas e os campos, dos quinze *ri* do seu percurso, repletos de gratidão e retorna para o pequeno porto, que fica na extremidade sul da península.

Este é um ano de farta colheita de caqui e de um belo outono nas montanhas. **(Arigatô, 1925)**

Cortar as unhas pela manhã

Tradução de Gilberto Brandão dos Santos¹

Revisão de Meiko Shimon

Era uma moça pobre que alugava a parte de cima de uma casa pobre.

E esperava um dia para se casar com seu namorado. Entretanto, todas as noites aparecia um homem diferente ao seu encontro. Era uma casa que não recebia os raios do sol matinal. Ela costumava calçar tamancos velhos e gastos de homem e lavar roupas nos fundos da casa.

À noite, os homens sempre perguntavam.

— Mas como! Você não tem um mosquito?

— Desculpe. Eu vou ficar acordada à noite e espantar os mosquitos para você. Perdoe-me.

Então ela, timidamente, acendia um incenso verde, repelente de mosquito. Depois de apagar a luz, contemplando a pequena luz do incenso que queimava, ela sempre recordava de seus dias de criança, enquanto ficava abanando o corpo do homem com um abano,. Ela passava a noite sonhando que mexia o abano sem cessar.

Já é o começo do outono.

Um senhor idoso (era raro aparecer um visitante desta idade) subiu até o pobre segundo andar.

— Você não vai colocar um mosquito?

— Desculpe. Eu vou ficar acordada à noite e espantar os mosquitos para o senhor. Perdoe-me.

— Humm. Fique esperando aqui que eu não demoro, disse ele.

Então, ela correu até ele, que já havia se levantado, e falou.

— Eu vou espantar os mosquitos até o amanhecer. Não vou dormir nem um pouquinho.

— Está bem. Eu volto logo, disse ele.

E, descendo a escada, o velho desapareceu. Com a luz acesa, a moça queimava o incenso repelente. No claro e sozinha, ela era incapaz de recordar a sua infância.

¹Bacharel em Japonês-Português e Inglês-Português pelo Instituto de Letras - UFRGS. Professor de japonês do Curso de Extensão - UFRGS.

Decorrida cerca de uma hora, o velho retornou. Ela levantou-se de um salto.

— Hum, pelo menos você tem ganchos para pendurar, não é?

E o velho pendurou naquele quarto pobre um mosquitoireiro branco inteiramente novo. A moça entrou no mosquitoireiro e caminhou², suspendendo a barra de seu quimono de dormir, sentindo o coração palpitar ante o toque agradável do tecido novo.

— Como eu tinha certeza que o senhor voltaria, esperei-o com a luz acesa. Agora quero ficar no claro, admirando mais o mosquitoireiro branco.

Entretanto, a moça caiu num sono profundo que não tivera em alguns meses. Nem mesmo notou quando o velho foi embora pela manhã.

— Ei! ei! ei!

Ela despertou ao som da voz do seu namorado.

— Finalmente, amanhã poderemos nos casar! anunciou ele. — Ah, que mosquitoireiro bom! Só de ver sinto a alma lavada.

Ao dizer isto, ele desprende o mosquitoireiro, deixando-o cair por inteiro. Então, puxou a moça que ficara por baixo e jogou-a sobre o mosquitoireiro.

— Sente em cima deste mosquitoireiro! Você parece uma grande flor de lótus branca. Assim, este quarto agora é puro como você.

Pelo toque do linho novo, a moça se sentiu uma noiva de branco.

— Vou cortar as unhas dos pés, disse ela.

E assim, ela sentou-se sobre o mosquitoireiro branco que cobria todo o quarto e começou a cortar, inocentemente, as esquecidas unhas longas de seus pés. (**Asa no tsume, 1926**)

²Mosquitoireiro japonês é semelhante a uma barraca. Tem forma quadrada e é preso nos quatro cantos.

O guarda-chuva

Tradução de Meiko Shimon

Era uma chuva fina de primavera como uma névoa que não molhava, mas dava a sensação de umedecer a pele. A menina, que saíra correndo da casa, só se deu por conta disso ao ver o guarda-chuva do menino.

— Oh! Está chovendo?

Não foi propriamente por causa da chuva, mas o menino abriu a guarda-chuva para disfarçar sua timidez, ao passar frente à lojinha onde a menina estava sentada.

No entanto, sem dizer nada, o menino estendeu o guarda-chuva para cobrir o corpo da menina. Ela colocou apenas um dos ombros debaixo de seu guarda-chuva. Molhado, o menino não conseguia se aproximar mais para cobri-la. A menina queria segurar também o cabo do guarda-chuva com sua mão e, no entanto, o tempo todo estava prestes a fugir do guarda-chuva.

Os dois entraram no estúdio fotográfico. O pai do menino, um funcionário do governo, fora transferido para uma terra distante. Era a fotografia de despedida.

— Por favor, queiram sentar-se juntos aqui. — O fotógrafo indicou o sofá, mas eles não conseguiram sentar lado a lado. O menino se pôs de pé atrás da menina e, desejoso de sentir seu corpo ligado ao dela em algum ponto, encostou de leve os dedos, que seguravam o encosto da cadeira, no casaco do quimono da menina. Era a primeira vez que tocava no corpo dela. Por causa do tênue calor que subia pelos dedos, ele sentiu uma flama agradável, como se estivesse apertando a menina nua em seus braços.

Por toda sua vida, sempre que olhasse para esta fotografia, ele recordaria desse calor.

— Gostariam de tirar mais uma? Os dois lado a lado, da cintura para cima, bem de perto.

O menino apenas fez que sim e,

— E o cabelo? — Perguntou baixinho à menina. Esta ergueu a cabeça por um instante para olhar o menino, corando um pouco e, com os olhos brilhando de felicidade como uma criança, docilmente, correu a passos leves para o toucador.

Quando vira o menino passar na frente da lojinha, a menina saía voando, sem ter tempo de ajeitar o cabelo. Os cabelos em desalinho, como se tivesse recém tirado a touca de banho do mar, estavam deixando-a ansiosa. No entanto, na frente do seu amigo, ela era uma menina inibida que não conseguia arriscar um gesto para se arrumar, levantando os fios rebeldes de seus cabelos. O menino, por sua vez, pensava que pudesse ofendê-la se lhe pedisse para ajeitá-los.

A alegria da menina ao se dirigir ao toucador alegrou também o menino. Depois dessa alegria, os dois com toda naturalidade sentaram-se juntos no sofá.

Quando ia saindo do estúdio fotográfico, o menino procurou seu guarda-chuva. E avistou a menina que saía antes dele e aguardava-o na frente com o guarda-chuva nas mãos. Só quando sentiu o olhar do menino, ela se deu por conta de que havia saído com o guarda-chuva dele. Ficou surpresa. Como foi que tal gesto tão sem propósito demonstrara seus sentimentos, de que ela pertencia a ele?

O menino não conseguia lhe pedir o guarda-chuva de volta. A menina não conseguia entregar o guarda-chuva ao menino. Contudo, já era diferente do caminho de ida para o estúdio fotográfico. De repente, eles se tornaram adultos e voltaram, sentindo-se como marido e mulher. Por causa desse pequeno episódio do guarda-chuva. Foi só por isso. **(Amagasa, 1932)**

A partir das Sombrancelhas

Tradução de Gizelda Ribeiro da Silva¹

e Vera Maria Martins Alves²

Revisão de Meiko Shimon

Já que era mulher e já que iria ter um emprego, ela bem que gostaria de escolher uma profissão em que pudesse se valer da beleza feminina. Porém, ninguém lhe dissera que era bonita. Então, ela seguiu uma profissão que proibia o uso de maquiagem.

Certo dia, no entanto, o supervisor a chamou:

— Você pinta as sobrancelhas, não é?

— Não, senhor. Ela, assustada, molhou o dedo com a saliva e esfregou as sobrancelhas.

— Então, você raspa as sobrancelhas para modelar.

— Não, senhor, elas são assim mesmo. Falou, quase chorando.

— B-e-m! De qualquer maneira, quem tem sobrancelhas tão bonitas como as suas não precisa de um emprego como este para ganhar a vida.

O supervisor encontrara nas sobrancelhas o pretexto para demiti-la. Pela primeira vez, ela teve clara consciência da beleza de suas sobrancelhas. Era tamanha a felicidade da descoberta que a fizera esquecer a tristeza de perder o emprego. "Também tenho algo de belo". Assim, ela ganhou autoconfiança para se casar.

O marido não dizia que as sobrancelhas dela eram bonitas. Ele dizia que os seios eram lindos. Dizia que as costas, que os joelhos eram lindos. E mais, e mais... Ela aprendeu com ele que haviam tantas partes belas no seu corpo, e isso a deixou inebriada, entorpecida de felicidade.

Mas, e quando o marido esgotar as buscas da beleza de seu corpo, o que irá acontecer? Ao pensar nisso, ela começou a sentir saudade dos dias serenos, em que estava resignada, por achar que em si não havia beleza alguma. **(Mayu Kara, 1938)**

¹Bacharel em Japonês-Português e Espanhol-Português pelo Instituto de Letras - UFRGS. Professora Substituta do Instituto de Letras - UFRGS.

²Acadêmica em Japonês-Português do Instituto de Letras - UFRGS.

Recolhendo os ossos

Tradução de Iaioi Tao¹ e Meiko Shimon

Havia dois lagos no vale.

Enquanto o lago do lado debaixo brilhava como se estivesse repleto de prata derretida, o de cima estava recolhido na quietude com a sombra dos morros imersa no fundo num verde profundo como a morte.

Sinto o meu rosto pegajoso. Volto o meu olhar para trás e vejo os respingos de sangue no capinzal e as folhas de bambu-anão por onde vim abrindo o caminho. As gotas de sangue pareciam ganhar vida, prestes a se moverem.

E, novamente, o sangue veio borbulhando às narinas num caldo morno. Apressadamente, tampei as narinas com a faixa do meu quimono. Deitei-me de costas.

O sol não batia diretamente, mas o lado avesso das folhas verdes que filtravam os raios me ofuscava.

O fluxo do sangue que parou no meio-caminho das narinas refluía para dentro, causando uma sensação desagradável. Cada vez que respirava, ouvia o ruído do refluxo do sangue.

As cigarras *aburazemi*² enchem a montanha com seus cantos. De repente, as *min-min*³ começam a gritar como se tivessem levado um grande susto.

É uma manhã de julho, pouco antes do meio-dia. Tenho a sensação de que qualquer coisa irá ruir, mesmo se uma simples agulha cair ao chão. Sinto que não posso mover-me.

Enquanto fico deitado e o suor começa a brotar, tudo que me cerca, o barulho das cigarras, a pressão do verdor, o calor da terra e as batidas do coração, converge num único ponto dentro da minha cabeça e se solidifica. Mal sinto que tudo se solidificara e num instante desmorona e se esvai.

¹Licenciada em Latim pela UFRGS. Foi Professora Substituta de Japonês do Instituto de Letras - UFRGS.

²Aburazemi: espécie de cigarra muito comum no Japão. Cerca de 6cm, de cor preta com as asas de cor parda e translúcidas.

³Min-min: abreviação de min-minzemi, cigarras que aparecem no alto do verão japonês (julho). O macho emite forte som "min-min". Cerca de 6cm, de cor escura com as asas amarelo-esverdeadas e transparentes.

E, então, vem a sensação de que sou içado do solo em direção ao céu, flutuando no ar.

— Sinhozinho! Oooi! Sinho-zi-nho!

Levanto-me assustado, com a voz que me chama do cemitério.

É a manhã do dia seguinte ao funeral de meu avô. Tínhamos vindo para o crematório recolher os seus ossos. Eu estava remexendo as cinzas ainda mornas, quando o sangue começou a escorrer de minhas narinas. Antes que alguém percebesse, estanquei-o com a ponta da faixa de meu quimono e subi até este pequeno morro, afastando-me do local da cremação.

Desço correndo a encosta com o chamado. O lago que brilha como prata se inclina, balança e desaparece da minha visão. Escorrego-me por causa das folhas secas do outono passado.

— Ah, como é folgado este rapaz! Onde o sinhozinho estava? Há pouco recolhemos o osso do pomo-de-adão⁴ de seu avô. Veja isto! disse a velha que prestava os serviços na casa do falecido avô.

Ao descer ruidosamente entre as folhas do bambu-anão, disse:

— Ah, é? Deixe-me ver.

Aproximei-me da velha empregada, tomando o cuidado de que ela não notasse as minhas feições depois de perder grande quantidade de sangue, nem mesmo a faixa ensangüentada.

Em uma folha de papel branco sobre a palma da sua mão, semelhante a papel maché amassado, havia uma espécie de pedra-calcária de cerca de três centímetros atraindo a atenção dos presentes. Deve ser o pomo-de-adão. Com certo esforço, poderia imaginá-la com formato de um ser humano.

— Conseguimos encontrá-lo, enfim. Olhe só! o seu avô agora ficou deste jeito. Tenha a bondade de colocá-lo na caixa da urna.

Que coisa mais sem graça! — Continuo com a sensação de que o vovô, como sempre, esperaria o ruído do portão da casa, anunciando o meu retorno, com seus olhos cegos cheios de alegria. Estranho é ver aí parada uma mulher que eu nunca vira antes, vestida de quimono de crepe preto, e que se diz minha tia.

Numa outra urna, haviam depositado desordenadamente os ossos das pernas, das mãos e do pescoço e os demais.

O crematório era simplesmente uma vala comprida, um lugar sem paredes e nem teto.

O calor dos restos da lenha queimada era muito forte.

⁴*Nodobotoke* no original. A denominação *bokoke* que vem de *hotoke* (Buda) devido a sua forma, e pela crença de que ao morrer a pessoa se transforma em um buda, o osso do pomo-de-adão é tratado com deferência.

— Então, vamos até o túmulo. Aqui exala mau cheiro e a luz do sol é amarelada.

Falei isso, preocupando-me com a cabeça que estava a rodopiar e ainda com o sangramento que ameaçava recomeçar.

Quando me viro, vejo o servo da casa carregando a urna dos ossos. As cinzas que restaram da cremação, o tapete de palha onde as pessoas que acorreram à cerimônia funeral ontem se acomodaram, após a oferta do incenso, tudo permanecia no mesmo lugar. Ficaram também em pé as varetas de bambu enfeitadas com o papel prateado.

Dizem que o meu avô, também, ontem à noite no velório, transformou-se em uma bola de fogo azul, alçou vôo pelo telhado do santuário xintoísta, passando pelos quartos do sanatório e espalhando no céu do vilarejo um cheiro fétido. A caminho do túmulo, estava me lembrando desses rumores⁵.

Os túmulos dos meus familiares não estão no cemitério do vilarejo, mas em um outro lugar. E o crematório, num recanto do cemitério do vilarejo.

Chegamos ao cemitério onde está minha família e onde há fileiras de pedras tumulares.

Eu já não me importava mais com nada. Desejava rolar pelo chão e respirar o céu azul.

Fui buscar água no riacho do vale e pus a enorme chaleira de bronze no chão.

— As últimas palavras do nosso falecido patrão eram de que fosse enterrado debaixo da lápide do mais antigo ancestral, disse a velha empregada. Proferiu as últimas palavras do falecido com muita convicção.

Como se quisessem antecipar ao outro empregado que era lavrador, os dois filhos da mulher derrubaram a pequena torre de pedra mais antiga, que ficava no lugar mais elevado, e começaram a escavar.

A cova parece que ficou muito funda. Escutei o som da urna caindo na profundidade.

Depositar, após a morte, um tal pedaço de calcário no túmulo do ancestral de nada adianta, já que a pessoa está morta. É a vida que cai no esquecimento.

A pequena torre de pedra foi colocada em pé no seu antigo lugar.

— Vamos, sinhozinho, faça as despedidas.

A velha empregada, então, derramou abundante água na pequena torre⁶.

⁵Refere-se à crença popular de que a alma do finado o deixa, transformando-se num fogo-fátuo.

⁶ Refere-se à lavagem da lápide.

Apesar do incenso fazer muita fumaça, não se viam suas sombras sob o sol forte. As flores estão esmorecidas.

Todos fecham os olhos, juntam as mãos e oram.

Observando as feições amareladas das pessoas, volta a tontura na minha cabeça.

A vida de meu avô — a morte.

Balanço fortemente a mão direita, como se fosse impulsionada por uma mola. Os ossos produzem um barulho seco. Tenho nas mãos a pequena urna dos ossos.

Era uma pessoa muito sofrida. Foi um grande senhor dedicado à preservação da sua casa⁷. É alguém que não será esquecido no vilarejo. Falavam do meu avô no caminho de volta. Quero que parem com isso. Quem realmente estará triste, além de mim?

Pode-se imaginar um misto de sentimento de pena e de curiosidade por parte das pessoas que ficaram em casa, pensando em como ficará daqui em diante a vida do garoto que perdera o avô e ficara sozinho no mundo.

Um pêssago caiu no chão. Veio rolando até os meus pés. Na volta do cemitério, contornamos a base da colina de plantação de pêssagos.

Este texto fora escrito aos dezessete anos de idade (no quinto ano da Era Taishô⁸), narrando o fato que ocorreu quando eu tinha catorze. Compilei-o, agora, revisando um pouco o seu estilo. Eu, propriamente, sinto certa curiosidade em compilar, aos cinquenta anos de idade, um texto dos meus dezessete anos. Até pelo fato de que ainda estou vivo.

A morte de meu avô aconteceu em vinte e quatro de maio, porém, neste "Recolhendo os Ossos" ficou sendo em julho. Isto mostra que há alguma tentativa de dramatização.

O manuscrito está no "Caderno de Diários" da Editora Shinchô, mas há algumas páginas que se extraviaram. Entre as frases: "O calor dos restos da lenha queimada era muito forte" e "Então, vamos até o túmulo ...", nota-se a perda de duas páginas do Caderno. No entanto, compilei assim mesmo.

Antes deste "Recolhendo os Ossos", há um outro texto intitulado "À Terra Natal". Chamo de "tu" o vilarejo onde vivera com meu avô, adotando o estilo de uma carta de um interno do curso ginásial. Trata-se de mero sentimentalismo infantil.

Apresentarei alguns trechos que indicam a ligação entre "À Terra Natal" e "Recolhendo os Ossos".

⁷Refere-se às causas de uma família tradicional em declínio.

⁸Era Taishô (1912 - 1926) no calendário japonês corresponde ao período reinado pelo Imperador Taishô. O ano quinto da era Taishô é 1916.

... Apesar de ter-te jurado com toda convicção, concordei, outro dia, na casa de meu tio, em vender a casa e toda propriedade.

E, ainda, no outro dia, deves ter visto os baús e os armários antigos, guardados há gerações no grande depósito da casa, a serem entregues aos comerciantes.

Desde que me distanciei de ti, comenta-se que minha casa se transformara em abrigo de um forasteiro e, depois que sua mulher morrera de reumatismo, passou a ser usada como um cárcere para o louco da casa vizinha.

Os objetos armazenados no depósito pouco a pouco foram sendo roubados, a encosta da colina do cemitério de minha família é escavada aos poucos pelos vizinhos e anexada às suas propriedades adjacentes aos pomares de pessegueiro. O segundo aniversário da morte do avô está se aproximando, porém, imagino que seu *ihai*⁹ esteja rolando no meio da urina dos ratos. (**Kotsui hiroi, 1949**)

⁹*Thai*: tabuinha na qual está inscrito o nome póstumo de um falecido. Costuma-se colocar no altar búdico para ser venerada junto com Buda.

Os vizinhos

Tradução de Meiko Shimon¹

— Os velhos ficarão satisfeitos com vocês — Murano falou, observando Yoshirô e Yukiko, jovens recém-casados, e acrescentou. — Meus pais parecem meio esquisitos por estarem praticamente surdos. Mas vocês não precisam se incomodar com eles.

Murano havia se mudado para Tóquio por causa de seu emprego e deixara seus pais idosos na casa de Kamakura. Eles moravam na parte dos fundos e Murano procurava alguém para alugar sua casa, pois pensava que era melhor ela ser habitada do que ser mantida fechada. Além do mais, seus pais idosos não se sentiriam isolados. Por estas razões, o valor do aluguel seria apenas simbólico. Um casal que fora padrinho do casamento de Yoshirô e Yukiko, e conhecido de Murano, intermediou e, assim, eles foram ter uma entrevista com Murano. Este pareceu ficar satisfeito com o jovem casal.

Murano comentou ainda:

— A vida dos velhotes surdos ficará florida de repente. Não que eu tenha pensado de antemão alugar de preferência a um recém-casado, mas, com a presença de vocês, tanto o velho casarão como os velhos ficarão iluminados pela sua juventude. Eu já estou até imaginando isso.

Na região de Kamakura, recortada por numerosos vales, e escondida no fundo de um desses estava a casa de Murano. A casa era de seis cômodos, demasiada ampla para os jovens recém-casados. Na noite em que chegaram com a mudança, não conseguiram se adaptar à casa e ao silêncio que a cercava. Acenderam todas as luzes dos seis quartos, deixaram acesas também as luzes da cozinha e do vestibulo, e acomodaram-se na sala de doze tatames. Era a peça mais ampla da casa, onde os guarda-roupas, a penteadeira, os acolchoados e outras peças do enxoval de Yukiko se amontoavam. Por não haver quase espaço para se sentar, eles se sentiam aconchegados.

Yukiko entretinha-se com as contas de seu colar, chamadas "olhos de libélula", colocando-as em diferentes posições para formar um novo colar. O pai de Yukiko vivera quatro ou cinco anos em Taiwan onde havia colecionado cerca de trezentos desses "olhos de libélula" dos nativos.

¹Professora Assistente do Setor de Japonês do Instituto de Letras - UFRGS. Mestre em Língua, Literatura e Cultura Japonesa pela USP.

Antes de casar-se, Yukiko ganhara uns dezesseis ou dezessete deles, que mais lhe agradavam, e fizera um colar, levando-o na viagem de lua-de-mel. Como as contas eram da estimação de seu pai, de certa maneira, Yukiko transferira para as contas os sentimentos ocasionados por essa sua separação com os pais. Na manhã seguinte à noite de núpcias, ela colocou o colar de contas. Atraído pelo colar, Yoshirô abraçou-a e pressionou seu rosto no pescoço dela. Sentindo cócegas ela rebatia com gritinhos, procurando afastar o pescoço, quando as contas se espalharam pelo chão. O fio do colar havia partido.

Dizendo, "Oh!", Yoshirô soltou-a. Agachados no chão, os dois apanharam as contas espalhadas. Observando Yoshirô de joelhos a arrastar-se pelo chão à procura das contas, ela não conseguia conter o riso e, repentinamente, seu corpo adquiriu um ar descontraído.

Na noite em que chegaram a Kamakura, ela tentava reordenar em um novo colar os "olhos de libélula" reunidos naquela manhã. Cada uma dessas contas possuía cor, desenho e forma diferentes. Havia redondas, cúbicas ou cilíndricas. Suas cores eram variadas: vermelho, azul, roxo, amarelo e demais cores básicas, que no decorrer dos anos haviam adquirido tonalidades discretas, com seus desenhos curiosos feitos na simplicidade própria dos nativos. Trocando a disposição das contas, cada qual um pouco diferente das demais, o colar resultante ficava diferente também. Feitas originariamente para os colares dos nativos, as contas possuíam orifícios para se passar o fio.

Observando Yukiko que experimentava as posições das contas, Yoshirô perguntou:

— Não se lembra de como estavam antes?

— Eu fiz junto com papai, por isso não me lembro de tudo. Vou recompor do jeito que você gosta. Veja!

De ombros encostados, tentando recompor os "olhos de libélula" em um novo arranjo, os dois esqueciam o passar do tempo. A noite avançava.

— Alguma coisa está caminhando lá fora? — Yukiko aguçou o ouvido. Era o ruído das folhas das árvores que caíam. Não no telhado dessa casa, mas na casa dos fundos. Estava ventando.

Na manhã seguinte, Yoshirô foi chamado por Yukiko.

— Venha, venha logo... Os velhinhos dos fundos estão criando *tobi*². Olhe, estão comendo juntos.

Yoshirô levantou-se e juntou-se a ela. Na manhã clara de outono, agradavelmente quente, que lembrava os dias primaveris, a casa dos fundos encontrava-se de *shojis*³ totalmente abertos, deixando o sol

²*Tobi*: espécie de gavião, cujo canto é semelhante ao som de flauta.

³ Porta ou Janela de correr com papel branco em lugar de vidro.

penetrar na sala de estar, onde se podia observar o casal de idosos tomando sua refeição matinal. A casa dos fundos era separada da casa principal por um jardim, que subia em declive suave, delimitado por uma cerca-viva e baixa de *sazanka*⁴. A cerca de *sazanka* estava carregada de flores, e a casa dos fundos parecia estar flutuando na ribanceira florida. Cercada em seus três lados por morros cobertos de árvores de folhas coloridas pela geada, a casa parecia estar soterrada. A luz do sol matinal do final do outono incidia sobre as *sazankas* e sobre as folhas vermelhas e douradas dos morros, parecendo aquecê-las até as suas camadas mais profundas.

Dois *tobis*, de pescoços erguidos, pousavam na mesa da refeição. O casal de idosos mastigava omelete e presunto do prato, pegando-os com pauzinhos, em pequenas porções, e levava-os da boca ao bico dos *tobis*. Cada vez que ganhavam o alimento, eles balouçavam as asas, abrindo-as um pouco.

— Como estão bem domesticados — admirou Yoshirô. — Vamos cumprimentá-los. Estão comendo, mas não creio que seja incômodo para eles. Também quero ver os *tobis*, parecem uma graça.

Yukiko voltou para dentro da casa e trocou de roupa, retornando com o colar que conseguira refazer na noite anterior.

Sentindo a aproximação deles à cerca de *sazanka*, os *tobis* levantaram vôo de repente. O barulho do bater de asas surpreendeu os ouvidos de Yoshirô e Yukiko. Ela soltou um grito e ergueu o olhar para o céu onde os *tobis* subiam. Eram aves selvagens que vinham da montanha para visitar os velhos.

Yoshirô se apresentou, polidamente, agradecendo a oportunidade de morar na casa principal.

— Perdoem-nos por assustar os *tobis*. Estão muito bem acostumados com vocês, não é? — falou. Mas, os velhos pareciam não entender nada. Nem faziam esforços para ouvi-lo e, de expressões vazias, olhavam para os dois. Yukiko voltou-se para Yoshirô, indagando com o olhar, o que fazer?

— Sejam bem vindos. Ó velha! Temos estes vizinhos tão jovens e bonitos,— falou o velho como se rompesse em súbito monólogo. Mas a esposa parecia nem ter percebido.

— Vocês podem fazer de conta que os vizinhos surdos nem existem. Mesmo assim, nós gostaríamos de ver os jovens, por isso não fiquem constrangidos, não se escondam da gente.

Yoshirô e Yukiko assentiram.

⁴*Sazanka*: espécie de camélia que floresce no final de outono, enquanto que a camélia comum floresce na primavera japonesa.

Os *tobis* circulavam sobre a casa dos fundos. Ouviam-se seus cantos graciosos.

— Vejo que os *tobis* não tinham terminado de comer, estão voltando da montanha. Não queremos incomodá-los.

Yoshirô fez sinal para Yukiko e levantou-se. **(Rinjin, 1962)**

Imortalidade

Tradução de Meiko Shimon

Um homem idoso e uma jovem caminhavam juntos.

Notavam-se vários aspectos estranhos nos dois. Embora aparentassem uma diferença de cerca de sessenta anos, nenhum deles parecia ter consciência disso e caminhavam como se fossem namorados. O velho era quase surdo. Não podia ouvir quase nada do que a moça falava. Ela vestia um quimono roxo e branco de listras finas em forma de setas e um *hakama*¹ bordô-violeta. As mangas do quimono eram um pouco longas². O velho vestia um traje semelhante ao que era usado pelas mulheres carpideiras do plantio de arroz. Contudo, ele não usava o protetor do dorso das mãos nem as perneiras. Seu quimono curto de algodão de mangas retas e as calças largas com elástico nos calcanhares pareciam mesmo um modelo feminino. Eram largas demais para seu quadril magro.

Avançando um pouco mais sobre o gramado, depararam com um telão de arame muito alto. Caminhando em sua direção acabariam por esbarrar nele, no entanto, enamorados que estão, pareciam não enxergar o telão. Os dois nem pararam. Atravessaram o telão de arame com a leveza, de uma brisa ...

Só depois de atravessá-lo, a moça pareceu ter reparado no telão.

Fez, "Ué?" e olhou perplexa para o velho. — Sr. Shintarô, o senhor também consegue atravessar o telão?

O velho nada ouviu.

Porém, ele agarrou a tela feita de arame trançado e sacudiu-a. "Seu desgraçado! Desgraçado!" O excesso de força dos braços empurrou o enorme telão, deslocando-o, e o velho cambaleou ainda agarrado nele, quase caindo para frente.

— Cuidado, querido! O que foi? — Ela enlaçou-o para sustentá-lo.

— Solte o telão ... Como o senhor ficou leve.

O velho conseguiu firmar-se e ficou ereto. Respirava fundo, com dificuldade.

— Ufa! Obrigado! — Ele voltou a agarrar o arame trançado. Porém, desta vez com uma mão só e de leve ... E falou alto como acontece

¹*Hakama*: calças largas e pregueadas de traje típico japonês.

²Sinal de que se é uma moça solteira.

com as pessoas surdas. — Eu, dia após dia, fiquei catando as bolas atrás deste telão. Durante dezessete longos anos, bah!

— Só dezessete anos é muito? É pouco!

— Uma atrás da outra, eles mandam as bolas sem parar, só porque têm vontade de tacar, cachorros! A bola faz um barulho, quando bate na tela. Até conseguir me acostumar, eu levava um susto e encolhia a cabeça. Por causa desse barulho é que fiquei surdo. Que telão desgraçado!

O telão de arame era para proteger os catadores de bolas, no campo de treinamento de golfe. As rodas embaixo permitiam movimentá-lo para todos os lados. O campo de golfe e o de treinamento, ao seu lado, estavam separados por uma área arborizada. Antigamente tudo isto era um bosque de considerável extensão de vegetação diversificada, mas fora derrubado, restando apenas uma alameda de aspecto irregular.

Deixando o telão para atrás, os dois caminhavam.

— Que saudades! Ouço os rumores do mar. — Desejosa de fazê-lo ouvir estas palavras, a moça encostou sua boca no ouvido do velho. — Estou ouvindo os rumores tão saudosos, do mar!

— Quê? ... — O velho cerrou as pálpebras. — É o doce hálito, da Misako, minha querida. É o mesmo hálito de outrora.

— Não está ouvindo o barulho do mar, tão saudoso?

— Mar. Que mar ...? Saudoso ...? Por que sente saudades do mar em que você mesma se atirou?

— Sinto saudades, sim! Voltei para minha terra natal, depois de cinquenta e cinco anos e, então, o senhor também tinha voltado. Sinto saudades, sim! — O velho não ouvia mais, mas ela continuou. — Foi bom eu ter me atirado no mar. Assim como naquele tempo em que me atirei, sempre, eu posso ficar pensando no senhor ... E além do mais, minha memória e recordações, só as tenho até os dezoito anos. O senhor é eternamente jovem pra mim ... e, por isso, o mesmo acontece ao senhor. Se eu não tivesse me jogado aos dezoito anos, e tivesse retornado para esta terra, agora, para me encontrar com o senhor, eu seria uma velha, não é? Que horror! Eu não poderia encontrar-me com o senhor.

O velho falou, como num solilóquio de um surdo. — Eu fui para Tóquio e perdi tudo. Fiquei velho e aniquilado, voltei para minha terra. Há muito tempo, uma moça desesperada por ter sido forçada a romper comigo se atirou de um precipício ao mar. Eu pedi um emprego, no campo de golfe que fica junto a esse precipício. Implorei ... e me deram, por piedade ...

— Este campo em que agora estamos caminhando era a propriedade da sua família, não era? com os morros e bosques e tudo.

— Eu só podia trabalhar de coletor de bolas. Sofrendo as dores da coluna já encurvada ... Acredite, houve uma moça que se atirou no mar por

amor a mim. O penhasco fica logo aí, posso saltar também apesar de minhas pernas bambas. Era isto que eu pensava.

— Oh, não! Seja forte e continue vivendo ... Se o senhor morrer, não terá mais ninguém neste mundo que se lembre de Misako, como o senhor. Não vê que assim eu vou morrer de verdade? — Ela suplicava, agarrando-se a ele, mas o velho não ouvia.

No entanto, abraçou a moça que se agarrava a ele.

— Sim, é isso! Vamos morrer juntos! Desta vez ... Você veio para me buscar, não é?

— Juntos ...? Oh, não! O senhor deve viver. É pra mim ...

Ela levantou os olhos por cima do ombro dele e, exclamou,

— Olhe, aquelas árvores grandes, ainda estão aí! Todas três, como antigamente. Que saudade!

Como ela apontasse, ele também dirigiu o olhar para as três árvores gigantes.

— Os freqüentadores do campo têm medo daqueles pés, querem cortá-los. Dizem que as árvores têm força misteriosa e atraem as bolas, fazendo-as desviar para a direita.

— Esses jogadores de golfe vão morrer todos, cedo ou tarde. Muito antes das árvores que permanecem aqui por centenas de anos. Dizem essas coisas sem saber da brevidade da vida humana.

— Essas árvores gigantes vinham recebendo os cuidados de meus ancestrais há centenas de anos. Por isso, eu vendi este terreno com a condição de não cortá-las jamais.

— Vamos. — Conduzido pela mão da jovem que se apressava, o velho aproximou-se trôpego das árvores gigantes.

Ela passou, deslizante, através do tronco de um dos pés. Ele também passou.

— Oh! — Estranhando, ela examinou o velho. — Sr. Shintarô também está morto? Desde quando?

— ...

— Está morto mesmo! Verdade ...? Não nos encontramos no mundo dos mortos. Estranho, não é? Agora vamos, mais uma vez, atravessar o tronco para certificar se está vivo ou morto. Se o senhor realmente está morto, nós podemos entrar para dentro da árvore, para sempre. Está bem?

Desaparecendo no interior do tronco da árvore gigante, o homem idoso e a jovem não mais retornaram.

Por trás dos três pés imponentes, entre as árvores mais delgadas, começaram a pairar as cores do entardecer, e o céu, além do murmúrio do mar, tingia-se da tênue cor purpúrea. **(Fushi, 1963)**

Cabelos longos

Tradução de Tomoko Kimura Gaudioso¹
e Meiko Shimon

As saias das moças ficaram curtas e os cabelos, longos.

No entanto, Kurasaburô já estava com setenta e oito anos de idade.

Ele encontrou na página de um jornal um poema estilo *waka*² que falava de cabelos negros a formar um desenho abstrato sobre o alvejante lençol.

O poema não deixava claro se a mulher estava deitada sozinha ou acompanhada, se seus cabelos longos estariam imóveis ou não. Talvez, a forma do poema em trinta e uma sílabas não tenha sido suficiente para descrevê-los, ou talvez foram omitidos intencionalmente.

No leito de Kurasaburô dormia um gato preto, deitado na altura de seu quadril. Deitar-se invariavelmente ao seu lado esquerdo tornara-se um hábito deste gato nos últimos quatro ou cinco anos.

Como todas as noites o gato se acomodava no mesmo lugar, Kurasaburô tinha ordenado à mulher do seu motorista que não deixasse de estender o leito³, mesmo nos dias em que dormisse fora de casa. Entretanto, segundo ela, quando Kurasaburô se ausentava, o gato passava a noite na almofada do dono da casa, colocada na sala de estar.

Quando chegou perto dos sessenta e cinco anos de idade, seu despertar matinal passou a acontecer cedo demais. Desde então, espera ansiosamente pela chegada dos jornais.

Ao buscar os jornais colocados ao lado do portão da casa, saindo do vestíbulo para o jardim, pelo alvorecer do inverno e, ao ouvir o barulho das colunas de gelo se quebrarem sob seus pés, ele sente sua alma lavada. Inspira profundamente o ar abaixo de zero grau.

Entre os ramos de cinco ou seis pés de pinheiros altos, enfileirados ao leste, avista-se o céu que tinge de vermelho o raiar do sol hibernal.

O gato, no leito, espera Kurasaburô trazer os jornais. Quando volta a deitar-se, o gato, às vezes, fica lambendo a mão do dono com sua

¹ Professora Auxiliar do Setor de Japonês do Instituto de Letras - UFRGS.

² Também conhecido como *tanka*: poema japonês de cinco versos com 5-7-5-7-7 sílabas.

³ No quarto estilo japonês desprovido de cama prepara-se o leito todas as noites, estendendo os acolchoados, que são retirados na manhã seguinte.

língua áspera. Acontece, por vezes, que esse contato parece despertar o ser indomado no interior de Kurasaburô.

É costume seu ficar lendo os jornais deitado, enquanto espera o casal, o motorista e sua mulher, acordar. Queria, pelo menos, abrir o *amado*⁴, mas pensa que poderia chatear o motorista que se acostumou a executar tal tarefa.

Atualmente, restam nesta casa apenas Kurasaburô e esse casal.

A esposa de Kurasaburô morreu num verão quando ele tinha sessenta e cinco anos. Os dois filhos e a filha estão casados e moram separados do pai, assim como a filha única do motorista. Cada qual tem seus netos.

O motorista também chegou aos sessenta e um anos este ano. Faz vinte e cinco anos que trabalha com Kurasaburô.

Desde que Kurasaburô se aposentara aos setenta e um anos, a necessidade de carro diminuiu significativamente. O motorista executava mais as tarefas de jardinagem e serviços gerais.

À medida em que este passou a ficar mais tempo na mansão do patrão, sua mulher começou a ajudar nos serviços caseiros e aprendeu os costumes da casa. E sentindo-se mais à vontade, passou a trabalhar ali o dia inteiro. Após a morte da esposa de Kurasaburô, a mulher passou a cuidar do patrão como se fosse sua obrigação natural.

Se por um lado, o motorista era o único que conhecia todas as mulheres de Kurasaburô, a temperatura da água do banho era a esposa do motorista que sempre deixava a gosto do patrão e nunca errava.

O motorista e sua mulher passaram a ser a família de Kurasaburô sem ter nenhum grau de parentesco. Acabou sendo um encontro da vida.

Antes, o salário de motorista era pago pela empresa e Kurasaburô acrescentava algo mais por seus serviços. Na época em que se aposentara, pensou que seria melhor para o motorista que se tornasse taxista, mas não chegou a lhe falar. Achou que apenas deixaria o casal magoado, pois, ao seu ver, também eram pessoas insubstituíveis. Além do que, passando já dos setenta anos não seria fácil encontrar alguém que pudesse substituir um casal como esse.

Eles moravam há anos na parte de cima da garagem.

Como atrás da garagem era um depósito da casa, os quartos construídos sobre ele eram amplos, compondo-se de dois em estilo japonês de seis tatames e um em estilo ocidental, além de uma varanda que servia para secar as roupas lavadas e uma cozinha que não era tão pequena.

⁴*Amado*: Portas corrediças de madeira que ficam no limiar externo da habitação japonesa, as quais se fecham à noite. Durante o dia ficam confinadas numa espécie de caixa armada numa das extremidades.

A filha do motorista, também, freqüentara o colégio morando nesta casa, permanecendo até casar-se. O espaço era bastante folgado para o motorista e a mulher.

Entretanto, após a morte da esposa, Kurasaburô sugeriu a eles que se mudassem para a casa principal ou, pelo menos, pousassem à noite. Após discutir o assunto, o casal recusou a oferta. Disseram que poderiam causar má impressão aos filhos do patrão.

Kurasaburô disse-lhes, que se ficasse sozinho na casa ninguém perceberia, caso tivesse morte súbita durante a noite.

O motorista sugeriu que arranjasse uma mulher nova para dormir perto dele. A mulher do motorista, sem se comover com as palavras de Kurasaburô, declarou confiante que não deixaria acontecer nenhuma desgraça repentina, já que conhecia bem a disposição do patrão.

Para não deixar a habilidade do motorista envelhecida, Kurasaburô planejava viagens para lugares distantes que necessitassem de carro, pelo menos uma vez a cada um ou dois meses. Talvez, o motorista também pensasse no patrão ao sugerir viagens, quando ele deixava de fazê-las, por um bom tempo.

Por isso, só para o motorista é que, desde início, Kurasaburô falou da moça chamada Hisako.

Como havia contado o início, contou-lhe também o fim.

Entretanto, nunca chegou a lhe licenciá-lo sobre o emaranhar do coração que o fazia lembrar-se de Hisako, à noite, no leito, enquanto esperava o sono chegar, e, até às vezes, ao despertar pela manhã.

Kurasaburô assina seis jornais. Ele os lê vagarosamente, mas terminada a leitura, fica com uma sensação de insatisfação. Sente-se um pouco solitário.

Todos os dias, entre às nove e meia e dez horas, enquanto fica na sala de estar ainda com as roupas de dormir, recebe telefonemas de seu corretor de valores mobiliários. O corretor aprendeu nestes quatro ou cinco anos de contato, que seu cliente gostava de que os telefonemas fossem bastante demorados. Por isso, apesar de ser um homem ocupado, ele falava longamente. Mesmo assim, Kurasaburô ficava sempre com pena de desligar o telefone.

Após aposentar-se, Kurasaburô, com a desculpa de continuar ligado aos movimentos financeiros, passou a comprar e vender ações. No início, era tímido e cauteloso, mas com o tempo tornara-se ousado e até exagerava em suas aplicações.

O corretor, porém, nem sempre cumpria as ordens dadas pelo telefone. Várias vezes havia negociado as ações de modo diverso daquele que havia sido combinado. Parecia também que o corretor entendia que Kurasaburô fazia esses exageros intencionalmente para divertir-se com o bate-boca e prolongar a conversa.

Esse corretor de valores, conhecido de longa data, tal como o motorista e sua mulher, devia estar acreditando que zelava para a velhice de Kurasaburô.

Mas aplicação é sempre aplicação. Enquanto recebia proteção do corretor para os perigos de cometer imprudências e, dizendo só por dizer os absurdos sem fundamentos, às vezes, isso funcionava como certa intuição e acabava por lhe trazer bons e inesperados lucros.

Foi após ler as páginas do mercado de ações dos seis jornais e definir mais ou menos o conteúdo do telefonema para o corretor, quando Kurasaburô notou o poema que falava de um desenho abstrato formado pelos cabelos negros sobre o lençol branco.

Não poderia saber se esses cabelos longos e negros estariam imóveis ou em movimento, por estar a mulher sozinha ou com seu amante.

Kurasaburô interpretou, embora sem indícios para isso, que ela estaria sozinha. A mulher olha seus cabelos esparramados no leito branco e diz que é um desenho abstrato. Kurasaburô logo enjoou do poema.

Ele achou melhor não rejeitar também a autora, só porque não lhe agradara o poema. Também era impossível Kurasaburô conhecer a mulher, já que o poema estava na coluna de leitores.

A única certeza era que existe, em algum lugar, uma mulher que contemplava seus longos cabelos espalhados num leito.

Por causa da moça chamada Hisako é que o poema mexeu com o coração dele. O poema fê-lo lembrar Hisako.

As lágrimas que escorriam do canto dos olhos dela deviam estar molhando alguma parte dos cabelos esparramados no lençol branco. As mãos de Kurasaburô haviam tateado os cabelos de Hisako.

Foi por causa de um gesto que fizera na manhã seguinte, quando pela primeira vez ficara nos braços de Kurasaburô, Hisako tornou-se uma mulher que deixou tão forte impressão na sua lembrança.

Antes desta, ele lembrava de uma mulher com o nome de Haruko devido a um sussuro que dera no ouvido dele.

Quanto à Haruko, não teve uma relação afetiva com ela a ponto de lamentar o rompimento, tanto é que, mesmo depois de rompidos, continuavam se encontrando como amigos. Nos raros encontros que aconteciam, ela demonstrava as saudades que sentia, sempre com uma alegre disposição que não escondia o contentamento por revê-lo. Kurasaburô, por sua vez, sentia tranqüila intimidade por já ter tocado seu corpo.

Uma mulher como Haruko era um dos motivos de Kurasaburô sentir a vida doce.

Quando recebeu o convite dela da inauguração de um pequeno restaurante que iria ficar aberto à noite toda, em Yushima, Kurasaburô

visitou-a uns dez dias depois da data, levando consigo três jovens da empresa onde trabalhava até o ano anterior.

Fazia um ano que não via Haruko. O restaurante era melhor do que esperava.

Enquanto Kurasaburô, em frente ao caixa, esperava a conta, Haruko ficou ao seu lado, encostando-se nele e abraçando-o levemente.

De repente, aproximando a boca no ouvido dele, Haruko perguntou se ela já não lhe servia, por ser velha demais. Espantado, Kurasaburô olhou-a.

Ela estaria com vinte e oito anos. Ainda jovem, com menos de trinta anos. Kurasaburô estava com setenta e dois.

Haruko deitara com ele quando tinha vinte e três, mas não parecia ter mudado muito.

Entretanto, Kurasaburô saiu do restaurante sem dizer se queria deitar-se novamente com ela.

Apenas, aquele sussurro tão vivaz que encerrava um sincero carinho permaneceu inapagável por muito tempo.

Os gestos de Hisako, entretanto, foram muito mais inesperados para Kurasaburô. Ela era uma mocinha de apenas dezoito anos.

Ele recebeu, inesperadamente, o pedido da mãe de Hisako para tornar sua filha uma mulher. Foi um pedido deveras espantoso.

A mãe era dona de um *pub* no bairro Roppongi, mas fora gueixa quando jovem. Quando trabalhava como tal, Kurasaburô a usara como relações sociais da empresa e, inclusive, permitia que frequentasse sua casa para prestar tais serviços.

Ela pretendia que sua única filha levasse uma vida decente, mas, na primavera daquele ano, ao concluir o curso secundário, a filha manifestou a decisão de trabalhar num *pub*. Não no *pub* de sua mãe, mas pretendia entrar num de alto padrão do bairro Ginza.

A mãe acreditava que ser uma virgem não tinha nenhum valor naquele mundo e que a virgindade seria mais um peso e que só atrapalharia a sua carreira. Antes pelo contrário, afirmava ela, que nunca conseguiu livrar-se da sua própria experiência humilhante de ter vendido o corpo pela primeira vez e, por isso, não desejava que a filha passasse pela mesma humilhação. Certamente, o primeiro homem da filha será um tipo imprestável que lhe deixará uma cicatriz de arrependimento.

Apesar de suspeitar que a cicatriz dessa mãe tenha sido profunda, ainda assim, Kurasaburô hesitou em aceitar o tal pedido. É obvio que não lhe perguntou como fora essa antiga cicatriz.

Recusou o pedido, dizendo que sentia pena da menina. Disse-lhe que o assunto deveria ser desconhecido por Hisako. A mãe perguntou se ele aceitaria caso a filha consentisse. Jurou que não cobraria nenhuma responsabilidade de Kurasaburô, muito menos algum tipo de sacrifício.

Dizendo que a filha havia consentido, a mãe trouxe Hisako à casa de Kurasaburô. Anunciou que se retiraria logo, deixando-a ali.

Era uma bonita moça.

Com uma desculpa qualquer, Kurasaburô conseguiu escapar dessa.

Passaram-se seis meses. Nesse meio tempo, Kurasaburô recebeu mais dois ou três telefonemas da mãe, pedindo que realizasse uma viagem com sua filha.

O motorista disse-lhe da confiança que a mãe de Hisako depositava nele. Nesse caso devo ter mais cuidado para evitar qualquer deslize, respondeu Kurasaburô.

No outono, quando ele estava num hotel em Kawana, por uma semana para jogar golfe, o motorista trouxe Hisako e sua mãe.

Disse que a mãe da menina afirmara ter recebido um telefonema de Kurasaburô ordenando-lhe que a trouxesse. Era mentira, mas Kurasaburô ficou calado.

A mãe ficou hospedada num quarto separado.

Como Hisako ficava com o corpo tenso e tremia, Kurasaburô examinou-a através da penumbra. Na testa da menina via-se um suor gelado. Colocando a mão, notou que a testa estava fria. Dos cantos dos olhos fechados escorriam as lágrimas. Parecia que as lágrimas molhavam alguma parte dos cabelos esparramados sob o pequeno rosto. Com as mãos, Kurasaburô bateu os cabelos, mas não conseguiu sentir o local molhado pelas lágrimas.

Perguntando-lhe se estava triste, Kurasaburô afastou-se dela. Hisako não disse nada.

Eram três da madrugada, quando ele acordou. Apesar de ter duas camas, Hisako estava adormecida na cama dele. Não se sabe se sentiu o movimento de Kurasaburô, Hisako abriu os olhos.

Talvez, por estar sonolenta, ela docilmente entregou-se a ele.

Pela manhã, quando Kurasaburô acordou, ela já estava levantada, sentada numa cadeira.

Notando que estava sendo observada, levantou-se serenamente e veio ao seu encontro. Sem nada dizer, sentou-se na cama dele. Então, apoiando-se com uma mão, ergueu as duas pernas juntas sobre a cama, com os joelhos um pouco dobrados. Kurasaburô arredou o cobertor e abraçou Hisako, que fez esse gesto inesperado, e a puxou para dentro do lençol. Tudo ocorreu em silêncio.

Tudo isso aconteceu há quatro anos, quando Kurasaburô tinha setenta e quatro anos.

O poema de cabelos negros era mais um motivo de Kurasaburô recordar os gestos de Hisako daquela manhã. **(Kami wa nagaku, 1970)**

Bibliografia

- FUKUDA, Kiyoto. *Kawabata Yasunari - Hito do sakuhin (Vida e obras de Kawabata Yasunari)*. Tóquio, Shimizu Shoin: 1990.
- KAWABATA, Yasunari. *Bi no sonzai to hakken (A presença e o descobrimento do Belo)*. In: *Kawabata Yasunari Zenshû*. Tóquio, Shinchôsha: 1975.
- KAWABATA, Yasunari. *Tenohira no Shôsetsu*. Tóquio, Shinchôsha: 1993.
- MATSUZAKA, Toshio. *Kawabata Yasunari "Tanagokoro no shôsetsu" kenkyû (Pesquisa sobre "Contos que cabem na palma da mão: de Kawabata Yasunari)*. Tóquio, Kyôiku Shuppan Sentô: 1983.
- YOSHIMURA, Teiji. *Kawabata Yasunari - Bi to dentô (Kawabata Yasunari-Beleza e tradição)*. Tóquio, Gakugeishorin: 1968.

Instituto de Letras
Núcleo de Editoração Eletrônica...
Novembro de 1999